

# Herança Sombria

Katia Parente

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Parente, Katia

Herança sombria / Katia Parente. -- São Paulo :  
Ed. da Autora, 2021.

ISBN 978-65-00-23782-5

1. Ficção brasileira 2. Suspense - Ficção  
I. Título.

21-67207

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Fotos da capa e contra capa: a autora.

Nota da autora:

As personagens e residências apresentadas neste livro são fictícias, criadas apenas para esta obra. Qualquer semelhança com a realidade não passa de mera coincidência.

\*\*\*



*Chegou em casa com as mãos sujas de sangue e o corpo tremendo. A adrenalina bagunçava seus pensamentos e amortecia os músculos, nem sentiu a ladeira da sua rua. Queria ligar para a polícia, precisava denunciar aquele cara, ele iria atacar outras pessoas! Mas o que contaria à polícia? Não se lembrava de nada.*

## Herança Sombria

**São Paulo**  
**2019**

1

Como fazia todos os dias pela manhã, saiu para caminhar, com seu boné para proteger a cabeça, já que usava os cabelos raspados. Ela tinha um ritual quase sagrado, levantava cedo e tomava seu café, em seguida caminhava ao redor do Parque Severo Gomes, às vezes pela trilha de cascalho que cortava por dentro da vegetação, outras vezes pela calçada na área externa.

O caminho era agradável, exalava um cheiro de ar fresco da manhã, resultado das diversas árvores preservadas. Aquele era um dos poucos resquícios de Mata Atlântica em São Paulo, o que deixava a vizinhança com cara de cidade do interior. Um verdadeiro refúgio.

Ao final de uma hora retornava para a rua de sua casa e se esforçava para vencer a subida íngreme, onde finalizava seu exercício.

Quando Elisa chegou na esquina e começou a subir, viu sua amiga caminhando no sentido contrário.

— Oi Rosa, como vai?

— Olá Elisa, tudo bem. Já fez sua caminhada? – perguntou Rosa, arrumando os cabelos castanhos caídos nos ombros.

— Sim, caminhei por uma hora como sempre. Você sumiu, o que houve? Tentei te ligar ontem, mas deu caixa postal.

— Eu vi sua chamada, desculpe não ter retornado. Esta semana foi horrível no escritório. Fiquei até tarde quase todos os dias. Entrega do IR, né? Já viu, escritório de contabilidade enlouquece.

— Ah, é mesmo! Esqueci que esta época do ano você fica quase em outro planeta!

— Pois é! E ainda por cima, minha filha pegou um resfriado, teve até febre. Fazia tempo que eu não via a Mari tão abatida. Mas já melhorou, então tudo começa a voltar ao normal. Ou quase ao normal, já que o carro está na revisão e eu estou de ônibus estes dias.

— Bom, ainda bem que a Mari melhorou, manda um beijo pra ela e vai tomar café lá em casa, assim colocarmos a conversa em dia.

— Claro, com certeza! Apareço esta semana na sua casa e também na academia. Preciso retomar os treinos.

— Está bem, nos falamos, então. Bom dia pra você!

— Obrigada, pra você também. – respondeu Rosa enquanto seguia em direção à rua onde havia um ponto de ônibus.

Elisa seguiu seu caminho para casa, pensando em seu trabalho. Nunca poderia se imaginar trabalhando em um escritório como a amiga. Ficar trancada mexendo com papelada o dia todo e lidando com clientes, não era seu perfil. Sempre quis ser artista, gostava de pintar e conseguira fazer disso sua profissão. Sentia-se uma privilegiada, pois era uma das poucas pessoas que não reclamava do emprego, já que era apaixonada pelo que fazia. Além de não precisar ter contato com muita gente, o que considerava essencial.

Pintava suas telas a óleo com imagens de paisagens ou jardins, onde colocava uma pessoa lendo um livro, um cachorro, ou alguém de bicicleta, qualquer coisa que desse movimento ao cenário. Suas pinturas eram alegres, nelas a vida acontecia em um colorido atraente.

Já havia feito muitas exposições e adquiriu experiência, não era tão conhecida pelo público geral, mas conseguia se sustentar. E pensava que ainda tinha tempo para desenvolver seu trabalho, estava com quase quarenta anos e sua saúde era excelente.

Esta tarde tinha um encontro com o organizador de uma exposição. Ele ligou interessado em suas obras para completar um espaço do Casarão onde seria o evento. Elisa ficou surpresa com o convite e achou exótico a exposição ser em um Casarão, fugia do convencional.

Após tomar banho, ela pintou mais um pouco até concluir uma tela que havia começado no início do mês. Quase trinta dias! Nunca levou tanto tempo. Era sempre rápida em suas ideias, mas desta vez empacou e não sabia o motivo. Por isso ficou satisfeita quando concluiu, era um alívio. Almoçou algo rápido e foi para seu compromisso.

Elisa desceu do táxi em frente ao portão de entrada do Casarão na Avenida Europa, uma região da cidade que não perdeu o charme nem o valor monetário. O lugar era uma bela casa, das antigas construídas no Jardim Europa. Foi colocada à venda há alguns anos, porém o proprietário não se empenhava em vender, recusava todas as propostas que recebia. Certa vez, o colega Renato, que trabalhava com arte, sugeriu fazer uma exposição. Ao invés de ser em uma galeria ou outro lugar comum, faria no Casarão, onde cada cômodo seria de um artista. O proprietário gostou da ideia e deu carta branca a Renato, apenas sugerindo alguns artistas.

Após passar pelo portão de ferro, pintado de verde, Elisa percorreu um terreno coberto com uma grama muito bem cuidada que levava até a casa. A fachada branca emoldurava as portas de vidro, dando uma leveza ao projeto, porém Elisa pensou ser coisa recente, talvez no original as portas fossem de madeira, assim como os batentes pintados de azul. O andar de cima era cercado por uma varanda, onde ainda havia portas de madeira em forma de veneziana, que se escancaravam para o gramado, pintadas no mesmo tom de azul.

Parecia haver muitos cômodos e um deles, o que seria a sala de jantar, era todo para Elisa expor suas obras. Quando ela se

aproximou das portas de vidro, um senhor veio ao seu encontro e a cumprimentou.

— Boa tarde! Você deve ser a Elisa?

— Boa tarde! Sim, sou eu, e o senhor deve ser o Sr. Renato?

— Sim, eu mesmo. – respondeu Renato com um sorriso suave. Ele era um homem com cerca de sessenta anos, cabelos grisalhos, estava em boa forma e aparentava uma vitalidade incrível.

— Espero não ter me atrasado muito. – respondeu Elisa um pouco tímida, não gostava de chamar atenção, apesar de saber que seus cabelos raspado atraíam olhares. Tinha um motivo para mantê-los assim, mesmo que estivesse perdido em algum lugar de sua memória.

— Imagina, está bem no horário. Espere aqui, vou pedir um café. O seu é puro? – perguntou Renato indicando um sofá para ela se sentar.

Estavam em um dos cômodos da casa, talvez a sala de estar, ampla e com o pé direito alto. Uma casa incrível que devia ter sido de alguém importante do início do século XX, quando o bairro começou a ser construído.

— Sim, por favor. – Elisa sempre foi tímida e a gentileza e descontração dele fez com que ficasse mais sem graça ainda, parecia que ele já a conhecia. Ele foi até uma copa adaptada para um espaço mais moderno do que seria a casa original, fez o pedido a alguém que estava atrás do balcão, depois voltou para se sentar ao lado de Elisa.

— Bem, então, como são seus quadros? Ouvi dizer que você pinta áreas verdes, paisagens, é isso?

— Sim, minhas telas são todas com paisagens. Aqui o senhor pode ter uma ideia. – Elisa abriu a pasta com seu portfólio. As imagens estavam em tamanho A4, o que facilitava a visão dos desenhos e era mais fácil de carregar.

— Ah, excelente! Deixa eu ver. — Renato pôs os óculos e pegou a pasta, recostou-se no sofá e começou a olhar os desenhos. Virava as páginas de forma tranquila, observando com atenção.

Enquanto isso, um rapaz trouxe os cafés em uma bandeja pequena e os colocou sobre a mesa de centro junto com os sachês de açúcar. Elisa agradeceu, porém Renato nem olhou, estava concentrado nas imagens.

Elisa pegou o biscoitinho que estava no pires e comeu, de forma quase compulsiva.

“Esse homem não vai fazer nenhum comentário? Vai ficar olhando sem nem lembrar que o mundo ao redor existe?” Pensou Elisa ansiosa.

Ela sentia seu coração acelerando no peito e lembrou que mal respirava, então apoiou a xícara e inspirou de forma longa, tentando se acalmar.

Após o que pareceu uma vida, Renato finalmente fechou a pasta e devolveu a Elisa. Tirou os óculos e tomou um gole do seu café com leite, olhando para ela.

— Seus quadros são lindos.

— Obrigada. — Elisa respondeu aliviada, mas ainda notava uma certa dúvida no rosto do homem.

— Vamos fazer a exposição, mas gostaria de dar uma opinião. Amigável, mas como crítico que sou.

— Sim, claro. — agora ela estava nervosa. Opinião? Crítico? Nunca ninguém criticou seu trabalho.

— Suas telas são coloridas, ricas em detalhes, mas há alguma coisa faltando.

— Faltando?

— Sim, parece que você se cansou de pintar sempre a mesma coisa. Reparei que tem as datas na pasta, de quando cada tela foi pintada. As primeiras, mais antigas, são vivas e parecem que vão

sair da tela. Já as últimas parecem repetitivas, as cores não são tão vistosas, a posição das árvores é a mesma e seu traço está muito cuidadoso, entende?

— Bem, mais ou menos. O senhor está dizendo que meu trabalho perdeu a qualidade?

— Não exatamente isso, a qualidade continua boa, pois digo que os traços são muito cuidadosos e este é o problema. Está sem paixão. Me parece um engenheiro pintando, não um artista.

— Sei. — Elisa franziu a testa, resistente ao que estava ouvindo.

— Mas, veja. Por favor não se ofenda. Vamos fazer a exposição. Acho que será ótimo para diversificar, pois os trabalhos dos outros artistas são mais abstratos e geométricos, por isso será ótimo ter alguém com algo mais colorido. Use minha crítica para você refletir sobre o assunto. Por favor, não me odeie! — completou Renato rindo.

— Imagina! Não vou te odiar. Agradeço pela crítica, vou pensar nisso. E obrigada por fazer a exposição, mesmo assim. — Elisa estava fervendo por dentro.

— Que ótimo. Vou te enviar as datas previstas por e-mail e os detalhes para a montagem das telas.

— Perfeito, eu aguardo, então.

Elisa se despediu e voltou para casa sem nem saber o que pensar.

“Um engenheiro pintando? Ele quis dizer que eu faço projetos das minhas telas e não pinto com emoção? Não tenho mais paixão pelo que faço? Esse cara é muito folgado em pensar isso. Eu adoro o que faço!” A mente de Elisa esta em meio a uma turbulência.

Ela foi para casa de táxi, mas pediu para descer próximo a avenida, onde teria que andar o restante do trajeto, precisava arejar a mente. Estava com vontade de bater naquele cara!

As semanas seguintes foram a rotina de sempre, caminhava ou ia para a academia pela manhã, depois ficava envolvida com seus quadros até o meio da tarde quando parava para ler um livro ou assistir algo na TV. Encontrou a amiga Rosa algumas vezes para conversarem, almoçaram juntas e Elisa conversou com Mariana, que adorava sair com elas para participar dos assuntos de adulto.

Mas uma coisa foi diferente. A conversa com aquele cara a estava incomodando. Executava todas as suas atividades pensando naquelas palavras: sem paixão.

Refletiu com mais frieza sobre o assunto e lembrou que as duas últimas telas que pintou levaram um mês cada uma para ficarem prontas. Precisou pensar para criá-las, enquanto as anteriores saíram naturalmente, vinham de dentro com facilidade. Mas não achava que isso significava não ter paixão pelo que fazia.

O mês de maio acabou e a data da exposição se aproximava, teria início no primeiro final de semana de junho e segundo as fotos que recebeu de Renato, os suportes para colocar as telas já estavam prontos, seriam como quadros decorando uma casa. Ela os levaria no sábado pela manhã, pois a exposição abriria à tarde.

Ficara ansiosa em outras ocasiões, mas agora estava mais. Aquela crítica a fez ver suas próprias telas de outra forma, ficou insegura, preocupada se as pessoas também pensariam do mesmo jeito. As primeiras eram ótimas, vivas, já as últimas pareciam cansadas. Pensou que o Sr. Renato tinha razão e esperava que o público não notasse isso.

Na sexta-feira à noite foi difícil dormir. Além da sua dificuldade em lidar com pessoas, agora tinha a questão da qualidade de suas telas. Todas as vezes que participou de uma exposição, tentava parecer invisível, queria que suas telas aparecessem, não ela

própria. Elisa tinha uma timidez forte, não gostava de multidões e era difícil fazer amigos novos. Agora também tinha o nervoso por causa da recente dificuldade em produzir telas coloridas.

Tomou uma taça de vinho e ficou acordada até tarde assistindo qualquer coisa na TV, até que o sono chegou, mas os sonhos não deram trégua. Sonhou a noite toda que suas telas pegavam fogo, que eram todas destruídas por um fantasma negro que invadiu a exposição e soprava labaredas ardentes sobre todos os seus desenhos. Acordou suando.

Tomou café e ficou sentada aguardando o caminhão vir buscar as telas em seu ateliê, adaptado em um dos quartos de sua casa.

Ela vestiu uma roupa leve, um vestido discreto com sapatilhas pretas e pegou uma malha fina para colocar nas costas, já que, mesmo o outono já tendo chegado, o calor ainda não deixara São Paulo. Os cabelos raspados davam pouco trabalho para arrumar, era difícil usar alguma coisa na cabeça.

Elisa havia passado a máquina no cabelo bem rente à cabeça há cerca de dezenove anos, em compaixão à uma grande amiga, que considerava uma prima. Ela precisou fazer quimioterapia e os cabelos começaram a cair, Elisa quis ficar igual e comprou lenços de seda lindos para usarem na cabeça. Mas infelizmente alguns meses depois a prima não resistiu e faleceu. Elisa não deixou mais os cabelos crescerem.

Por volta das onze da manhã ela já estava no Casarão montando as telas junto com os ajudantes. Renato chegou e a cumprimentou com um sorriso, revelando sua alegria em fazer aquilo. Não haviam se encontrado após aquela conversa.

— Olá Elisa! Estou feliz por estarmos aqui! Acho que será um sucesso.

— Bom dia, Sr. Renato. Também estou contente, um pouco ansiosa, mas bem contente. — Elisa sentia as mãos suarem.

— Mas a ansiedade faz parte! Sem ela não haveria graça na vida. Seríamos muito apáticos, não é mesmo?

— Pode ser. – respondeu Elisa sem concordar muito. Não achava nenhuma graça naquele frio na barriga que sentia. Na verdade não via a hora de acabar tudo e voltar à tranquilidade de sua vida.

— Fique sossegada. Dará tudo certo! – respondeu Renato, fazendo um afago em seu ombro e virando para cumprimentar outro artista que acabara de chegar.

Enquanto isso, Elisa aproveitou para dar uma volta ao redor da bela casa e ver melhor a parte externa.

Havia um jardim bem cuidado nas laterais e o que parecia ter sido uma piscina, agora estava coberto com uma película de vidro que refletia o sol. Ao redor da construção, um passeio contornava todo o perímetro e quando Elisa ia virar para ver a parte de trás do Casarão, ouviu alguém chamar.

— Elisa!

— Rosa! Que bom você ter vindo!

— Claro que eu viria! Gosto de acompanhar suas exposições. Como vão as coisas?

— Tudo bem. Ainda estão dando uns retoques finais, mas as telas já estão prontas. Tem outros artistas legais, você pode dar uma circulada agora, antes do público chegar.

— Sim, vou olhar tudo. Você tá com uma cara séria! E um pouco abatida, está tudo bem?

— Acho que estou mais ansiosa que o normal. Aquelas críticas que o tal Renato fez me deixaram mais abalada do que eu imaginava. – Elisa havia comentado com Rosa sobre a conversa, era a única amiga que tinha para desabafar.

— Ah, que isso. Não esquenta. Suas pinturas sempre fizeram sucesso. Não acho que será diferente desta vez. Use as críticas dele para você se observar, só isso.

— Pois esse é o problema.

— Como assim?

— As últimas telas que pintei demorei bem mais que o habitual. Antes saíam com facilidade, como se já estivessem prontas em minha cabeça. Agora parece que estou com dificuldades em criar paisagens e cenas. Minha criatividade está decaindo.

— Bem, deve ser algum bloqueio artístico. Muitos grandes pintores e escritores dizem ter passado por isso. Por que você não pensa em fazer uma viagem, ou ir conhecer algum lugar novo, que seja diferente do que você costuma ir? Uma mudança na rotina pode fazer bem e te inspirar com novas ideias.

— É, pode ser. Vamos ver como será hoje, depois penso nisso.

— Está bem.

As duas deram uma volta pela parte da frente do jardim do Casarão e quando iam entrar, um homem louro, vestindo uma camisa de algodão caída sobre a calça, vinha caminhando na direção delas. Rosa acenou para Luiz, um amigo do bairro onde moravam.

— Oi, Luiz, que legal que veio. – cumprimentou Rosa.

— Olá, que bom que já está por aqui. Pensei ter vindo muito cedo.

— Ah, mas é melhor, assim está mais vazio.

— Verdade. Olá, Elisa! Parabéns, mais uma exposição!

— Obrigada.

Elisa não conseguia esticar a conversa com Luiz. Ele havia se mudado para o bairro em março e frequentava a mesma academia, assim como ia correr no mesmo parque. Ela o cumprimentava e depois ia fazer outra coisa, não ficava por perto. Nem ela própria sabia por quê, só sabia que sentia vergonha.

— Então, quero ver suas telas! E também essa bela casa! – Rosa falou isso abraçando a amiga pelos ombros e a levando para

dentro. As duas, seguidas por Luiz, começaram a rodar pelos cômodos da casa.

Rosa ficou surpresa com a beleza da construção, além de achar a ideia de fazer a exposição em um casarão antigo ótima. Ela pensou que parecia uma decoração de paredes normal, não a frieza de uma galeria ou museu, era mais intimista. Elisa apresentou Rosa e Luiz para Renato e ficaram conversando por algum tempo até que os primeiros convidados começaram a chegar.

Às duas da tarde o Casarão estava lotado. Pessoas olhavam as telas e faziam comentários, alguns já se conheciam e conversavam sobre diversos assuntos. Além de uma exposição, era também um evento de entretenimento. Um bar improvisado ao lado de fora vendia bebidas e as pessoas se reuniam ali para continuar conversando. Elisa dava atenção aos interessados nos quadros, superando sua timidez. Conforme a tarde avançava, ela relaxou e aproveitou o momento. A sensação de ansiedade e o nervoso passaram, ela ficou contente em receber os mesmos elogios de sempre. Sua autoestima agradeceu.

3

No dia seguinte Elisa levantou tarde. A exposição foi cansativa, mas ótima e seguiria por mais uma semana. Ela não precisava ir sempre, talvez voltasse lá no final desta tarde.

Tomou o café tranquila e ficou na estreita varanda de sua sala olhando a paisagem. O calor dos dias anteriores trouxe nuvens na madrugada e o céu estava cinzento, com cara de preguiça de domingo, mas ainda assim, a vista era agradável. Os telhados se espalhavam entre muitas árvores, algumas com suas folhas verdes dando lugar ao laranja, enfeitando o lugar.

Sua casa era sobreposta à garagem, onde também havia um salão que servia de depósito; a sala, a cozinha e os quartos eram no

piso de cima. Por sorte, na frente não fora construída nenhuma casa mais alta e como ficava na parte de cima da rua, favorecia a vista. Era uma paisagem que daria uma boa tela, mas nunca se interessou em pintar. Sentia como se aquela vista fosse só dela. Caso virasse um quadro, outras pessoas iriam compartilhar isso e ela não queria. Guardava só para si mesma.

Na parte da manhã, queria se exercitar um pouco, então ligou para Rosa.

— Oi, Rosa, bom dia.

— Bom dia, dormiu bem?

— Sim, ontem cheguei exausta, mas fiquei satisfeita.

— Que bom! Achei muito legal o evento.

— Sim, também gostei, foi diferente de todos. Então, quer ir caminhar um pouco? Tá com cara de chuva, mas talvez dê para andar por uma meia hora.

— Ah, não sei. Estou meio preguiçosa, hoje. E também a Mari está aguardando a mãe de uma amiga vir buscá-la. Vão passar o domingo com um grupo de meninas na casa de uma delas, aqui perto, no bairro mesmo. Você vai voltar ao Casarão?

— Talvez sim, acho que seria bom. Você quer ir?

— Sim, vou com você. Depois podemos sair para comer algo.

— Ótima ideia. Nos falamos mais tarde, então. — se despediram e Elisa decidiu ir caminhar sozinha.

O tempo cinzento e o frio espantaram as pessoas, as ruas estavam vazias, bem diferente dos domingos de Sol, quando o entorno do Parque Severo Gomes lotava com carros e bicicletas. Ela desceu a ladeira de sua rua, que era íngreme e acabava logo na entrada do parque, onde uma vegetação densa sobressaía. Ao redor havia uma calçada contornando o perímetro todo, tinha um visual bonito, coberto por muitas árvores, transmitindo tranquilidade.

Elisa optou andar pela calçada, na área externa por cerca de meia hora e depois entrou na trilha de terra, sem pensar muito no caminho. Era um percurso automático, já que o fazia sempre. A falta do sol deixava o lugar úmido e gelado, ela havia colocado seu short de caminhada e por sorte, resolveu vestir uma blusa de mangas compridas. Seguiu a passos constantes e rápidos, sem ouvir música, só prestava atenção ao som dos poucos pássaros se recolhendo para o inverno que logo chegaria e das folhas das árvores balançando com o vento. Ela pensou que com certeza viria chuva à tarde.

Apesar do aspecto cinzento, Elisa gostava de ver a paisagem com o céu encoberto. As copas das árvores desenhadas sobre uma tela cinza davam um aspecto sombrio, tenebroso, como se criaturas de um mundo subterrâneo fossem surgir a qualquer instante.

Elisa começou a pensar nas suas pinturas e nos comentários de Renato. Apesar de ontem ter sido um sucesso, ela ainda estava incomodada com as críticas, principalmente porque tinha consciência de que alguma coisa estava errada. O fato de demorar mais tempo para pintar e de ter dificuldades em criar novas cenas coloridas e alegres, dizia isso a ela. Tudo ficou repetitivo e monótono com o tempo, sabia disso. Havia caído em uma rotina que adorava, mas que parecia um *looping*, não conseguia sair dela. Só não sabia o motivo e o que fazer para mudar. Talvez a sugestão de Rosa em ir viajar ou fazer algo diferente fosse um começo. Precisava de um impulso que fosse como um choque, então ela mudaria sem se esforçar para isso.

Voltou a prestar a atenção na trilha, o vento havia parado, deixando tudo quase imóvel e tão silencioso que Elisa estranhou. Seguiu mais alguns metros ao lado do córrego que cortava o parque até que percebeu um movimento em um arbusto mais a frente. Pensou ser algum animal, saguis eram comuns naquela área.

Elisa diminuiu o ritmo e ficou observando. O vento ainda não voltara a soprar e nem mesmo o ruído da água correndo no

córrego ela ouvia. De repente, um evento lúgubre deixou o clima ainda mais amedrontador. Mariposas surgiram e caíram mortas ao lado da escada que descia para um bambuzal ao lado do córrego.

Elisa parou e olhou para aquilo, não estava assustada, apenas hipnotizada. Sua mente estava envolvida por aqueles pequenos seres voadores caindo aos poucos pelo chão de terra.

Mais um movimento nas plantas, o que a fez voltar para mundo. A trilha continuava livre e vazia até demais, não viu ninguém caminhando esta manhã. Uma nuvem escura cobriu um escasso raio de sol que tentou aparecer, trazendo um aspecto sinistro e gelado para a paisagem.

Outro movimento nas plantas e Elisa se assustou quando saiu um homem de trás do arbusto. Vestia calças surradas e uma camisa clara com os primeiros botões abertos. Ficaram se olhando por um instante e Elisa sentiu o coração acelerar. O que esse cara estava fazendo atrás de um arbusto em um parque público?

— Bom dia. Desculpa, assustei você. — ele falou com voz grave, a língua um pouco enrolada, parecia ter bebido.

Elisa deu um passo para trás, como quem iria voltar.

— Imagina, eu estava distraída, já estou voltado.

— Não quero atrapalhar sua caminhada, pode continuar. — ele falou ao mesmo tempo em que se aproximava dela. Tinha um sorriso debochado e caminhava de forma lenta e quase sem equilíbrio.

— Não atrapalha em nada. Até logo. — Elisa virou e começou a caminhar no sentido contrário. A trilha por dentro do parque se distribuía em poucas ramificações, não muito longas, mas aquele era um trecho mais fechado, mal dava para ver a rua.

Ela caminhava de forma acelerada indo em direção à administração. Agora estava mesmo fazendo uma atividade aeróbica, no entanto, ouvia o som de passos, o homem estava vindo atrás dela.

“Meu Deus, vou ter que correr!” Pensou enquanto sentia o coração quase na boca.

Tentou acelerar, mas o som dos passos dele também ficaram curtos. Elisa sentiu o medo percorrer suas veias, não havia ninguém ali, nem mesmo o vigia do parque passou por ela. Nuvens escuras cobriam o céu deixando pouca luz entrar e ela sentiu um pingo no nariz.

Quando pensou em começar a correr, sentiu uma mão segurar seu braço.

— Gostei do corte de cabelo, querida! – falou o homem com uma voz que não parecia dele.

Ele a puxou em sua direção e segurou seu pescoço, Elisa respirou o cheiro de bebida e seu estômago embrulhou. Tentou gritar, mas não conseguiu, a mão na sua garganta era forte. Ele a jogou no chão e ela sentiu suas costas baterem com força, o que a fez perder o fôlego. O homem se jogou em cima dela, com uma mão segurava seu tórax e com a outra acariciava seu corpo. Ela gritou por socorro ao mesmo tempo em que se agitava, tentando tirar o cara de cima. Até que ele puxou uma faca de trás da calça e a ameaçou. Então, tudo aconteceu muito rápido.

4

Elisa corria pela trilha voltando para casa, apavorada, desesperada. O céu continuava cinza e as primeiras gotas de chuva manchavam o chão. Passou pela entrada do parque, onde uma pessoa segurava o guarda-chuva em uma mão e a guia do cachorro na outra, mas ela não parou para pedir ajuda, continuou correndo. Um senhor que descia a rua a seguiu com os olhos, pensou que ela fugia da chuva.

Elisa entrou em casa e trancou a porta, ao mesmo tempo em que um aguaceiro grosso começou a judiar o asfalto e massacrar as

telhas. Foi direto para o banheiro, tinha terra, folhas de árvore e sangue na roupa; precisava se lavar. Jogou as roupas sujas no lixo e entrou no chuveiro, onde se esfregou com vigor, limpando qualquer vestígio de algo que não tinha certeza do que era.

Quando saiu do chuveiro, pensou no ocorrido. Não se lembrava de nada.

Era sempre assim, quando algo ruim acontecia ela bloqueava de um jeito que parecia não ter existido. Era como se jogasse tudo em um buraco negro da memória. Por isso não deixou mais os cabelos crescerem, assim ela não se esqueceria da prima, nunca mais.

Depois do banho ficou o resto do dia em casa, deitada no sofá embrulhada em uma coberta, não ligou o celular nem a televisão, imersa em uma anestesia mental.

No final da tarde, o telefone fixo tocou. Elisa levou um susto, aquele aparelho nunca tocava. Teve receio em atender, mas insistia tanto que resolveu se levantar e pegar o fone. Com uma voz trêmula e quase inaudível ela falou alô.

— Elisa? Por onde esteve?

— Quem é? – perguntou ainda com a voz baixa, quase um sussurro.

— Como assim? Sou eu, Rosa. Combinamos de ir à exposição hoje à tarde, lembra? Te enviei várias mensagens e liguei no seu celular, só caixa postal. Ainda bem que achei seu número fixo gravado aqui.

— Exposição? Ah. Sim.

— O que aconteceu? – Rosa já estava apreensiva, a amiga parecia mesmo esquisita.

— Nada. Estou cansada, acho que vou ficar resfriada.

— O que fez hoje o dia todo?

— Fui ao parque e... Bem, só cansei.

— Elisa, vamos! Eu passo aí em meia hora.

— Não, acho que não vou... – mas a amiga já tinha desligado.

Elisa ficou tensa, a cabeça doía e ela estava mole, como se sua pressão tivesse caído. Percebeu que não havia comido nada o dia todo. Foi até a cozinha e pegou uma bolacha água e sal, que comeu sem vontade, sentada em frente a bancada de café que dividia a cozinha com a sala.

Cerca de vinte minutos depois, Rosa tocava o interfone. Elisa abriu a porta para a amiga sem pensar muito. Ainda estava com a mesma calça de moletom e a blusa de malha que vestiu de manhã, após o banho. Quando Rosa entrou ficou assustada com a aparência dela.

— Meu Deus! O que aconteceu com você? Está pálida. O evento de ontem te deixou assim tão acabada?

— É, pode ser.

— Você foi ao parque mesmo assim, devia ter descansado mais.

— Queria caminhar, mas aí a chuva veio e vim embora. Tomei um banho, mas me senti exausta depois. Nem fiz almoço.

— Você está sem comer o dia todo? Venha, vou fazer um ovo pra você. – e Rosa já foi abrindo a geladeira e pegando ovos e manteiga.

As duas tinham muita liberdade uma com a outra, já se conheciam há muitos anos. Quando Elisa se mudou para São Paulo e se inscreveu na academia, conheceu muitas pessoas, mas não era muito de fazer amizades e foi com Rosa que teve mais afinidade. Apesar de ela ter uma filha de doze anos, o que fazia sua rotina um pouco diferente, as duas saíam juntas várias vezes, inclusive com Mariana, que curtia tomar café com a mãe e a amiga. Mariana dizia que Elisa era uma amiga moderna e poderia influenciar sua mãe. E era

verdade. Muitas vezes Elisa dava palpites e conselhos a Rosa para aliviar a preocupação dela em relação à filha.

Rosa nunca perguntou sobre a vida de Elisa antes de se mudar para São Paulo, ela não falava no assunto e achava que seria indelicado ficar investigando, o que interessava é que as duas eram amigas e ficavam bem juntas.

Preparou uns ovos mexidos com manteiga e fez umas torradas. Depois pegou a peça de queijo que estava na geladeira, abriu a gaveta dos talheres procurando uma faca maior.

— Elisa, você tem uma faca mais afiada para este queijo?

— Deve estar aí.

— Não, aqui só tem estas facas do jogo de talheres.

— Ah, não sei, talvez eu tenha guardado em outro lugar, desculpe.

Rosa não insistiu, já que a amiga não estava em seu normal, parecia em outro planeta. Também encheu um copo com suco de laranja pronto que estava na geladeira e colocou tudo na frente de Elisa, que comeu sem falar nada. Levava o garfo à boca como se pesasse uma tonelada.

— Elisa, assim fico preocupada. Quer que eu vá comprar uma vitamina C ou antigripal?

— Não precisa. Tenho aqui. Fica tranquila, amanhã estarei melhor. Desculpa pela exposição, talvez eu devesse ter ido.

— Imagina. Você nem avisou o Sr. Renato que não iria?

— Não. Esqueci. Você se importa em ligar pra ele?

— Claro, pode deixar.

Rosa pegou o número no celular de Elisa e ligou, explicando que ela não estava bem e se teria algum problema não ir. Renato disse que estava tranquilo, ele daria conta da parte dela. Desejou melhoras.

— Olha, vê se descansa, então. Vou buscar a Mari, mas pode me ligar se precisar de qualquer coisa.

— Obrigada. Vou ficar bem.

Rosa se despediu e saiu preocupada. O dia já estava escurecendo e fazia frio, ao menos a chuva deu um descanso.

Elisa ficou em pé em frente a sacada da sala, com o copo de suco na mão, observando aquela paisagem. Nuvens negras manchavam o céu, por onde um raio de sol tímido atravessava, indo direto para a direção do parque. Os telhados das casas estavam molhados e refletiam a pouca luz que vinha do pôr do sol, arroxeadado e triste.

Ela foi para o quarto onde era seu ateliê e começou a pintar loucamente uma nova tela.

5

Rosa preparava o café da filha que sairia para a escola. A segunda-feira estava nublada com os resquícios do domingo chuvoso, mostrando o que seria o inverno. Mariana já estava de uniforme, sentada à mesa, aguardando a mãe coar o café, que iria misturar ao seu leite.

— Tia Elisa está melhor, mãe?

— Não sei, ontem à noite liguei para ela, mas não atendeu. Talvez ela tenha pegado no sono. Resfriado deixa a gente mole, né?

— Verdade.

Enquanto tomavam o café, Rosa ligou a TV. Não era seu hábito assistir ao jornal logo pela manhã, achava que as notícias contaminavam o dia, mas por causa da chuva queria saber se houve algum problema que atrapalhasse ainda mais o trânsito. O caos das ruas de São Paulo estava o mesmo de sempre, porém o que chamou sua atenção foi uma outra notícia.

A repórter usava capa de chuva e tinha uma fisionomia séria, segurava o microfone com força e ao fundo era possível ver árvores brilhantes e molhadas sob um céu cinzento.

*“Um homem de meia idade foi encontrado morto no Parque Severo Gomes, Zona Sul da cidade. Tinha ferimentos graves na cabeça e alguns cortes profundos pelo corpo, que a polícia ainda não sabe dizer como foram feitos. O sujeito era procurado pela polícia por assalto a carros e a pedestres, sua identidade ainda não foi revelada e a polícia irá investigar...”*

— O Parque Severo Gomes! Aqui do lado!

— Que sinistro! – falou Mariana de forma divertida.

— Sabemos que há furtos por lá, mas nunca imaginei uma morte assim.

As duas terminaram o café e saíram para seus compromissos. Rosa aguardou Mariana entrar na van do colégio e seguiu para o escritório sabendo que, com o movimento e a chuva na segunda de manhã, a lentidão era inevitável, agradeceu por trabalhar perto de casa.

Aproveitou um farol vermelho para enviar uma mensagem a Elisa, perguntando se estava melhor, a resposta só veio próximo da hora do almoço. Ela dizia que sim, estava ótima, nem parecia ter ficado ruim no dia anterior. Rosa ficou contente com a notícia e disse para se encontrarem na academia no dia seguinte pela manhã.

O dia seguiu preguiçoso, igual a todo início de semana, com o acréscimo de tempo frio e úmido.

Na terça-feira a aula de Pilates começava às sete e meia. Rosa era uma funcionária antiga do escritório e braço direito do dono, por isso tinha algumas regalias e uma delas era poder chegar mais tarde alguns dias da semana. Encontrou Elisa na entrada da academia

e se surpreendeu com a aparência da amiga. Estava ótima, com o semblante descansado e o olhar satisfeito. O oposto do que viu no domingo. Fizeram a aula e depois caminharam um pouco na esteira enquanto conversavam.

Os assuntos eram comuns, Rosa falava da filha, como ela ia na escola, que sentia-se orgulhosa em criar uma menina sozinha. Depois que se separou, o pai foi morar em outra cidade, por isso via a filha uma vez por mês. Ele ajudava com as despesas, até mais do que era previsto na pensão, mas ainda assim era Rosa quem coordenava tudo. Elisa ouvia as histórias da amiga e fazia comentários, depois outra moça que estava na esteira ao lado as cumprimentou e a conversa fluiu bem entre as três.

Terminaram a esteira e foram tomar um suco. Rosa teria de sair para ir trabalhar e Elisa voltaria para casa, precisava continuar suas telas. Era a rotina de sempre.

— Que bom que se recuperou. Você pintou estes dias?

— Sim, claro. Terminei uma tela. Estou satisfeita por voltar a pintar com vontade. Você se lembra, as últimas eu demorei muito, como se estivesse me arrastando.

— Verdade, eu lembro. Que ótimo, depois vou passar lá. Estou curiosa para ver a tela nova!

Elisa estremeceu e deu um sorriso discreto. Rosa sempre via suas telas antes mesmo de terminar. Havia criado o hábito de compartilhar com a amiga suas ideias, mas desta vez Elisa não sentiu tanto prazer em mostrar sua pintura. Havia algo nela que não queria apresentar aos outros. Ainda assim não poderia evitar a sua visita, em algum momento ela apareceria por lá.

Na saída da academia encontraram Luiz.

— Olá, meninas! Como estão?

— Bem, e você? – respondeu Rosa.

— Bem, também. Já acabaram por hoje?

— Sim, estamos indo para a segunda etapa do dia. — falou Rosa rindo enquanto Elisa só observava.

— E você Elisa, alguma tela nova?

— Ah, sim. — respondeu Elisa de maneira distraída, sem querer esticar a conversa.

— Então bom trabalho pra vocês. — Luiz se despediu, deu uma piscadela para Elisa e entrou no prédio da academia. Rosa olhou para Elisa curiosa.

— Esse cara tem uma queda por você!

— Imagina. Não tem nada a ver. — respondeu Elisa.

— Ah, tem sim. Desde quando ele se mudou pra cá está de olho em você. E acho que você também está de olho nele. — Rosa falou isso rindo.

— Para com isso, Rosa. Vamos, senão você se atrasa e eu também. — respondeu Elisa enquanto puxava o braço da amiga.

Luiz já havia convidado Elisa para sair muitas vezes, mas ela sempre escapava com elegância. A vergonha que sentia dele talvez fosse uma atração, mas alguma coisa a impedia de aceitar os convites, uma insegurança ou medo de um relacionamento. Não sabia identificar.

Elisa voltou para casa e, após tomar um banho, fez uma salada e se sentou para tomar um café enquanto assistia ao jornal da tarde. Não via nenhum jornal há quatro dias, desde sexta à noite antes da exposição no Casarão, por isso estava totalmente alienada das notícias. Não que ela fosse muito ligada em notícias, mas às vezes um pouco de informação era bom.

O jornal mostrou o terrorismo político de sempre, falou sobre a previsão do tempo, apesar de não haver possibilidade de chuva, as nuvens não iriam embora tão cedo. Teriam que conviver com mais alguns dias de céu encoberto e temperaturas baixas.

Quando ela já estava com o dedo no controle remoto para desligar a TV, ficou surpresa em ver uma foto do Parque Severo Gomes em miniatura sobre o ombro esquerdo do apresentador. Um breve resumo do ocorrido na tarde de domingo foi apresentado e mostraram a foto do homem que havia sido encontrado morto.

O apresentador explicava que ainda não havia nenhuma conclusão sobre a morte do sujeito. Os cortes pelo corpo podiam ter sido feitos por um objeto afiado, mas o ferimento na cabeça, provável causa da morte, foi em função da queda e batida em uma pedra, onde foram encontrados vestígios de sangue da vítima.

O repórter seguiu falando, mas Elisa não ouvia mais nada, só estava hipnotizada por aquela foto. Conhecia aquele homem, sua fisionomia não lhe era estranha, mas não conseguia se lembrar de onde. Ficou incomodada com aquilo, afinal era o parque onde caminhava sempre e muitas vezes sozinha. Apesar de nos dias de Sol o lugar estar sempre cheio, ela gostava de ir também nos dias chuvosos, quando estava vazio, sem carros, bicicletas e cachorros para todo lado.

Os dias cinzentos, como foi no último domingo, eram ótimos para divagar em suas ideias, pensar em coisas diversas, às vezes imaginar situações e criar imagens. Nunca pintava estas imagens, pois eram sempre diferentes do colorido alegre de suas telas. Ela terminou o café e foi para seu ateliê, onde iniciou um novo quadro.

No final daquela tarde, Renato ligou para Elisa, que ficou surpresa com o pedido de novas telas. Ele disse que foram vendidas muitas e ele gostaria de renovar a exposição, prevista para ficar por uma semana, mas devido ao sucesso, iria estender por mais alguns dias e com novas obras.

Elisa ficou contente, afinal era um triunfo sobre aquele senhor que havia criticado seu trabalho. Mesmo ele dizendo que